
Comportamento sociolinguístico de professores de Língua Portuguesa das séries finais do Ensino Fundamental: um estudo em Santa Quitéria do Maranhão

Jesiel de Araújo Nascimento

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

E-mail: araujo.jesiel@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2666-4673>

Thiago de Sousa Amorim

Instituição: Universidade Federal do Maranhão – São Bernardo

E-mail: tyagoamorim25@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4225-1946>

Darkyana Francisca Ibiapina

Instituição: Instituto Federal do Piauí

E-mail: darkybiapina@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1433-2490>

Resumo: Este estudo versa sobre a abordagem da variação linguística em salas de aula dos anos finais do Ensino Fundamental, a partir das concepções de professores atuantes na área. Assim, o objetivo geral é investigar o comportamento sociolinguístico de professores de Língua Portuguesa das séries finais do Ensino Fundamental de três escolas situadas na cidade de Santa Quitéria no estado do Maranhão. Para atingir tal finalidade, foi necessário delinear os objetivos específicos que se particularizam: a) verificar a percepção linguística dos professores sobre o conceito de língua/linguagem e variação; b) descrever como os professores avaliam o uso e ensino da variação linguística em sala de aula; c) analisar a atitude linguística dos professores em relação ao ensino da variação e como isso reverbera em sua prática de ensino. O estudo foi realizado por meio de pesquisa de campo e aplicação de questionário aberto. Os

resultados revelam que os docentes investigados possuem um comportamento sociolinguístico favorável e sensível aos casos de variação linguística que pode a língua sofrer nos diversos usos do cotidiano.

Palavras-Chave: Variação linguística. Comportamento sociolinguístico. Ensino de Língua Portuguesa.

Sociolinguistic behavior of portuguese language teachers in the final grades of elementary school: a study in Santa Quitéria in the state of Maranhão

Abstract: This study deals with the approach of linguistic variation in classrooms of the final years of Elementary School, based on the conceptions of teachers working in the area. Thus, the general objective is to investigate the sociolinguistic behavior of Portuguese language teachers in the final grades of Elementary School in three schools located in the city of Santa Quitéria in the state of Maranhão. To achieve this purpose, it was necessary to outline the specific objectives that are particularized: a) Verify the linguistic perception of teachers about the concept of language/language and variation; b) describe how teachers evaluate the use and teaching of linguistic variation in the classroom; c) Analyze the linguistic attitude of teachers in relation to the teaching of variation and how this reverberates in their teaching practice. The study was realized through field research and application of an open questionnaire. The results reveal that the teachers investigated have a favorable sociolinguistic behavior and are sensitive to cases of linguistic variation that the language may undergo in its various everyday uses.

Keywords: Linguistic variation. Sociolinguistic behavior. Portuguese Language Teaching.

Comportamiento sociolingüístico de profesores de lengua portuguesa en los últimos grados de educación primaria: un estudio en Santa Quitéria do Maranhão

Resumen: Este estudio trata sobre el abordaje de la variación lingüística en las aulas de los últimos años de la Educación Primaria, a partir de las concepciones de los docentes que trabajan en el área. Así, el objetivo general es investigar el comportamiento sociolingüístico de profesores de Lengua Portuguesa en los últimos años de la escuela primaria en tres escuelas ubicadas en la ciudad de Santa Quitéria en el estado de Maranhão. Para lograr este propósito fue necesario trazar los objetivos específicos que son: a) verificar la percepción lingüística de los docentes sobre el concepto de lengua/lengua y variación; b) describir cómo los profesores evalúan el uso y la enseñanza de la variación lingüística en el aula; c) analizar la actitud lingüística de los profesores hacia la enseñanza de la variación y cómo esta repercute en su práctica docente. El estudio se llevó a cabo mediante una investigación de campo y un cuestionario abierto. Los resultados revelan que los docentes investigados poseen un comportamiento sociolingüístico favorable y sensible a los casos de variación lingüística que puede la lengua sufrir en los diversos usos del cotidiano.



Palabras clave: Variación lingüística. Comportamiento sociolingüístico. Enseñanza de Lengua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a temática da variação linguística no contexto escolar, partindo do reconhecimento de que o Brasil é um país marcado por ampla diversidade cultural e regional, refletida também na linguagem. Cada região apresenta características linguísticas próprias, moldadas por fatores históricos, sociais e culturais. Nesse sentido, discutir a variação linguística na escola é fundamental para compreender as diferentes formas de expressão existentes no país — desde sotaques e vocabulários até estruturas morfológicas e sintáticas distintas.

Ao tratar desse tema em sala de aula, promove-se um espaço de valorização da diversidade linguística, reconhecendo que a comunicação humana é dinâmica e adaptável conforme o contexto. A variação linguística, portanto, não deve ser vista como erro, mas como reflexo das múltiplas realidades sociais vivenciadas pelos alunos. Aspectos como pronúncia, léxico, morfologia e sintaxe variam de acordo com a localidade, o grupo social e as situações de uso, e é justamente essa riqueza que a escola precisa acolher e trabalhar criticamente, visando à formação de sujeitos conscientes de sua própria linguagem e da linguagem do outro.

Tendo em vista a temática da variação linguística, partimos do pressuposto de que ela é importante devido a seu amplo campo de variedades que são de extrema relevância na comunicação; e de que a escola deve trabalhar a variação, valorizando o uso da língua, cabendo ao professor um olhar atento ao ensino, sem que haja preconceito, considerando as variedades linguísticas a partir do cotidiano do aluno. A partir disso, foi levantado o seguinte problema de pesquisa: como se configura o comportamento sociolinguístico de professores de Língua Portuguesa das séries finais



do Ensino Fundamental de escolas públicas da cidade de Santa Quitéria do Maranhão, a respeito do ensino da variação linguística em sala de aula?

A partir desse questionamento central, outras perguntas se tornam importantes para o desdobramento da pesquisa: qual a concepção de língua/linguagem e variação linguística dos professores? Como eles avaliam o uso e ensino da variação linguística? Que atitude linguística, negativa ou positiva, os professores têm a respeito do ensino da variação linguística e como isso reverbera em sua prática de ensino? A fim de responder a esses questionamentos de pesquisa, realizamos este estudo que se justifica pela necessidade de conhecer o tratamento dado à variação linguística da língua portuguesa na escola, por intermédio das concepções de professores que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental, no contexto educacional em apreço.

Para tanto, nosso objetivo geral é investigar o comportamento sociolinguístico de professores de Língua Portuguesa das séries finais do Ensino Fundamental de três escolas situadas na cidade de Santa Quitéria do Maranhão. Assim, para atingir tal finalidade foi necessário delinear os objetivos específicos que se particularizam: a) verificar a percepção linguística dos professores sobre o conceito de língua/linguagem e variação; b) descrever como os professores avaliam o uso e ensino da variação linguística em sala de aula; c) analisar a atitude linguística dos professores em relação ao ensino da variação e como isso reverbera em sua prática de ensino.

Por ter sido feita a partir da aplicação de questionários abertos a professores de três escolas públicas da cidade de Santa Quitéria do Maranhão, esta investigação se configura como pesquisa de campo, cujo instrumento de geração de dados foi organizado a partir de categorias de análise que estão melhor descritas na seção de metodologia do artigo.

Para a organização deste texto, optamos pela seguinte divisão estrutural: seção 1, “Considerações iniciais”, em que é apresentado o delineamento da pesquisa; seção



2, “A sociolinguística e o ensino em questão”, na qual fazemos um apanhado teórico da área; seção 3, “Percurso metodológico da pesquisa”, em que apresentamos como a pesquisa foi realizada; seção 4, “Análise de dados”, na qual discutimos sobre os dados oriundos da pesquisa de campo; e seção 5, “Considerações finais”, em que fechamos o trabalho.

A SOCIOLINGUÍSTICA E O ENSINO EM QUESTÃO

A variação linguística vem sendo efetivada com frequência, desde o surgimento da sociolinguística nos Estados Unidos, a partir da segunda metade do século XX. Para melhor entendimento da corrente sociolinguística, é sabido que, inicialmente, ela voltou-se prioritariamente para o estudo das mudanças e das variações existentes em torno da língua, expandindo-se depois para outras dimensões da linguagem humana.

Considerando a forte existência da variação linguística, nota-se que a língua varia conforme o espaço e o tempo, dependendo das diversas situações em que o ser humano se encontra. Assim, vale ressaltar que a sociolinguística se configura como uma ciência autônoma e interdisciplinar, que tem por objetivo estudar a língua e seu uso a partir da fala, sem dissociar o material da fala do falante e das condições em que ela foi produzida (Bortoni-Ricardo, 2014). A variação linguística é, portanto, um dos principais enfoques da sociolinguística.

A depender do cotidiano dos indivíduos em sociedade, tem-se uma diversidade de repertório linguístico. Dentro desse aspecto, compreendemos que as variações linguísticas resultam de fatores sociais, sociofuncionais e socioestruturais. Logo, quando a variação é abordada na escola, o professor tem todo o trabalho de esclarecer ao educando que, nem tudo o que se fala é ensinado através do uso da escrita. Na visão de Geraldi *et al.* (1997), a variação linguística é considerada espelho



de cada sociedade, em consonância com as transformações sociais e as necessidades de comunicação dos falantes.

Assim, é preciso enfatizar que existe a diversidade entre as falas das pessoas, ou seja, fala-se diferente, mas as palavras têm o mesmo significado. Sabe-se que, nas escolas brasileiras, o enfoque maior é dado ao ensino de uma única variedade da língua portuguesa, a norma-padrão, essa ideologia desconsidera a diversidade do nosso português. Quando se refere ao contexto escolar, tem-se o ensino gramatical perpetuado como ensino tradicional, que valoriza a norma-padrão. Isso significa dizer que, em muitos contextos, a escola trabalha uma “língua padrão”, estandardizada, e não se atenta para considerar a variação linguística que emerge das situações de interação comunicativa entre os sujeitos que constituem a sociedade.

Vale ressaltar a existência das diferenças entre a fala e a escrita. As variações presentes entre essas modalidades jamais devem ser ignoradas e vistas como erros, mas sim como diferenças da língua, que se referem à maneira de se expressar aceitável em certos contextos sociais. Logo, essa heterogeneidade linguística é inerente e sistemática a qualquer língua viva. Vale considerar que a sociedade também adota um padrão linguístico, ou melhor, padrões (socio)linguísticos.

No entanto, variedades linguísticas que fogem da língua padrão são consideradas errôneas e com menos importância e influência no contexto social. Segundo Soares (2002, p. 32):

É mais interessante estimular a aula de língua, devido ser um conhecimento amplo e melhor já que se refere à variação linguística. Assim, o ambiente de sala de aula dá espaço para um ambiente exclusivo de estudo das variações, enfatizando prestígio social, vindo a se transformar em um local vivo de idiomas, pesquisas em suas múltiplas formas e usos.

Nesse sentido, a escola deve atentar-se para propiciar, ao aluno, um espaço amplo e diverso que respeite a língua portuguesa, atribuindo a ela a valorização, os enlaces linguísticos que a compõem como um sistema. Essa prática pedagógica aponta



para minimizar as incidências de preconceito e discriminação em relação a variedades linguísticas que se divergem da norma-padrão. Contudo, é preciso compreender a realidade linguística no contexto brasileiro, como também se faz necessário compreender as habilidades em torno da escrita que vêm sendo ensinadas na escola. É muito comum, na sociedade atual, as pessoas evidenciarem o falar correto e o incorreto. Importante é utilizar a linguagem adequada ao contexto adequado, para se comunicar e fazer-se compreendido.

Quando bem planejada, a variação linguística, na escola, abre espaço para a variedade de comunicação que se vivencia. Contudo, nota-se que ainda reverbera uma visão errônea sobre determinadas variedades, que as considera como incorretas, imperfeitas e inadequadas. Com os avanços dos estudos, essa concepção tem se ressignificado aos poucos, a fim de que o preconceito e a discriminação que sofrem as pessoas por suas classes sociais e pelo simples modo de falar, sejam atenuados. Para Gerald (1996, p. 57), as variedades eram “estigmatizadas na mesma medida da estigmatização social de seus falantes”.

Desse modo, a sociedade via essas diferenças como uma marca que representava prestígio no contexto social ou estigmas. Quanto à escola, principalmente nas aulas de português, essa ideologia era reproduzida evidenciando o que era “certo” e “errado”. É importante destacar que estudantes que faziam uso de variantes linguísticas inovadoras ou não padronizadas frequentemente eram alvo de adjetivos pejorativos e julgamentos negativos em função de sua forma de falar. Em contrapartida, aqueles que utilizavam a norma-padrão da língua portuguesa tendiam a ser mais valorizados no ambiente escolar, enquanto os demais, por não seguirem essa regra normativa, acabavam sendo marginalizados ou expostos a situações de humilhação.



Vale ressaltar que, na escola, a variação linguística não era aceitável e sim discriminada. Assim, o docente frente a esse dilema tinha o papel de intervir, direcionando os alunos para mostrar os erros e usos incorretos da língua. Com os avanços, foi possível um olhar atencioso para a variação linguística dos educandos, como símbolo de suas raízes culturais.

Historicamente, a sociolinguística surge, então, como uma possibilidade de reconhecimento linguístico cultural heterogêneo, que deu a devida valorização e importância à variedade linguística voltada para a comunicação entre os falantes. Logo, a escola, em meio a essa mudança, organizou-se no intuito de trabalhar a variedade e a norma padrão. A norma padrão é muito valorizada pela escola, já que seu uso é necessário, principalmente em instâncias públicas. A língua falada no ambiente familiar se difere da norma padrão da escola, por isso é preciso trabalhar o desenvolvimento do aluno e suas competências.

É de conhecimento de todos que a língua é um recurso de suma importância para o homem, no que se refere à interação e comunicação. É pela comunicação que o homem se relaciona com os demais e atua em sociedade. Logo, o ser humano constrói e reconstrói a sociedade através das palavras, ações e atitudes.

Cabe ao professor, como mediador, trabalhar a língua portuguesa na sala de aula, evidenciando possibilidades quanto ao uso da língua falada e escrita. Logo, todas as situações devem ser objeto de trabalho docente, no sentido de trabalhar a espontaneidade da fala e da escrita, como também valorizando e priorizando o uso formal da língua portuguesa. Ao trabalhar a escrita em forma de texto discursivo, o professor sabe que é preciso utilizar a linguagem padrão, isso porque o uso da gramática é uma necessidade que direciona as produções.

Para Trask (2004, p. 59), “a competência sociolinguística relaciona-se com o conhecimento dos falantes, ou seja, é uma estratégia de iniciar e terminar uma



conversa, com educação para se dirigir as demais pessoas.” Portanto, o autor chama atenção para a importância do uso da gramática em sala de aula, ou seja, a competência em se expressar como falante, ter conhecimento linguístico amplo e convincente. Vale ressaltar que, ter conhecimento da língua, requer além de expressar-se bem, ter domínio das regras e significados do uso das palavras.

No que tange à escola, cabe a ela reconhecer a variedade linguística. Isso significa dizer que é preciso trabalhar a língua padrão e as demais variações, porque a variação linguística é algo presente e atuante na vida cotidiana dos alunos. A escola deve ter como responsabilidade maior atentar-se ao domínio da variedade no contexto padrão, uma vez que os alunos futuramente terão que prestar vestibular, concursos e até mesmo escrever um bom texto discursivo, onde são pontuadas as normas gramaticais. Destarte, corroboramos as palavras de Bortoni-Ricardo (2005, p. 15):

A escola não deve se omitir às diferenças linguísticas, cabe ao professor a compreensão da existência das variedades. Assim, essas comunicações são na verdade alternativas distintas e são recebidas de maneira diferente pela sociedade.

Seguindo essa lógica, a escola precisa planejar o ensino de língua portuguesa de forma a valorizar tanto a variedade linguística que os alunos já usam em seu cotidiano quanto a norma-padrão presente nos livros didáticos. Ou seja, é essencial respeitar a forma de falar dos alunos, considerando os aspectos culturais, sociais, políticos e históricos que moldam sua linguagem. Como a língua é o principal meio de comunicação, o aluno precisa desenvolver o domínio das diferentes formas de uso da linguagem — especialmente a norma-padrão — para que possa interagir, compartilhar ideias e construir sua própria visão de mundo de maneira crítica e efetiva.

Foi a partir desse olhar teórico que, nesta pesquisa, nos debruçamos sobre o comportamento sociolinguístico de professores de Língua Portuguesa das séries



finais do Ensino Fundamental de três escolas públicas situadas na cidade de Santa Quitéria do Maranhão. Em seguida, será pontuado o caminho metodológico percorrido para se alcançar o objetivo pretendido.

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este estudo caracteriza-se como pesquisa de campo no que respeita aos procedimentos técnicos, em virtude de que foi realizada geração de dados em escolas públicas da cidade de Santa Quitéria do Maranhão, junto a professores de língua portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental.

A cidade de Santa Quitéria do Maranhão é um município localizado no estado do Maranhão, mais especificamente na Microrregião do Baixo Parnaíba Maranhense. Foi emancipada em 1961 e tem uma população estimada em torno de 30 mil habitantes. A economia local é baseada principalmente na agricultura, pecuária e comércio. O cultivo de produtos como arroz, milho, feijão e mandioca é comum na região. No município há celebração de festividades típicas, como festas juninas e religiosas, que são momentos importantes de interação para os moradores. Está localizada a aproximadamente 350 km da capital do estado, São Luís.

Para a coleta dos dados, foi aplicado um questionário com perguntas abertas aos professores participantes. Por questões éticas, suas identidades foram preservadas neste trabalho. Para nos referirmos a eles ao longo da análise, utilizamos os seguintes códigos: Inter1, Inter2 e Inter3, formados pela abreviação da palavra “Interlocutor” seguida da numeração correspondente à ordem de aplicação do instrumento de pesquisa.

Assim, participaram desta pesquisa um docente de cada escola, conforme informações abaixo relacionadas:



- i. Inter1: docente da Ueb Cônego Nestor Cunha, localizado na Rua João de Deus, Centro de Santa Quitéria do Maranhão.
- ii. Inter2: docente do Colégio Militar Tiradentes XVI, localizado na Avenida Coronel Francisco Moreira, Centro de Santa Quitéria do Maranhão.
- iii. Inter3: docente da Umi Dom Jaime Câmara, localizada na Avenida Coronel Francisco Moreira, Centro de Santa Quitéria do Maranhão.

O instrumento de pesquisa que foi utilizado consiste em um questionário composto de perguntas abertas, organizadas em 3 categorias de análise: **1. Percepção linguística; 2. Avaliação linguística; 3. Atitude linguística e prática de ensino.** Abaixo segue o questionário:

Categoria de análise 1: Percepção linguística

1. Que concepção de língua/linguagem você adota para o ensino da Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental?
2. A sociolinguística parte do ponto de vista de que qualquer língua é passível de variações linguísticas. Qual a sua percepção sobre esse pressuposto?

Categoria de análise 2: Avaliação linguística

1. Em suas turmas você tem percebido a presença de variações linguísticas nas falas e escritas de seus alunos? Se sim, como você avalia esses usos?
2. Você corrige seus alunos quando percebe algum desvio da norma padrão em suas falas/escritas? Se sim, de que forma?

Categoria de análise 3: Atitude linguística e prática de ensino

1. Você costuma abordar a variação linguística em sala de aula? Se sim, como?
2. Se a resposta da pergunta anterior for positiva, relate sobre as dificuldades enfrentadas em sala de aula.
3. Vamos pensar na seguinte situação: Em uma conversa durante sua aula você observa a seguinte fala de um aluno: “Nós tem trabaio pra fazê amanhã”. Qual sua posição a respeito dessa fala?



Foram delimitadas essas categorias de análise com vistas ao cumprimento dos objetivos traçados para esta investigação: com os dados da categoria de análise 1, buscamos verificar a percepção linguística dos professores sobre o conceito de língua/linguagem e variação; da categoria de análise 2, descrever como os professores avaliam o uso e ensino da variação linguística em sala de aula; e, por último, analisar a atitude linguística dos professores em relação ao ensino da variação e como isso reverbera em sua prática de ensino, por intermédio da categoria de análise 3.

ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, apresentamos os dados selecionados através das categorias de análise que foram delimitadas: 1. Percepção linguística; 2. Avaliação linguística; e 3. Atitude linguística e prática de ensino. As respostas analisadas foram adquiridas por meio dos questionários abertos aplicados aos professores de língua portuguesa. Vale ressaltar que o pesquisador não interferiu nas respostas e que os interlocutores/professores responderam aos questionários sem a presença do pesquisador.

A variação linguística é um campo de estudo crucial na sociolinguística, pois aborda as diferenças de uso da língua em função de fatores sociais, culturais, regionais e históricos. Teóricos como William Labov, Marcos Bagno e Carlos Alberto Faraco oferecem importantes contribuições sobre a diversidade linguística e o impacto disso no ensino. Na análise, a seguir, discutimos as percepções, avaliações e atitudes dos docentes sobre variação linguística, de acordo com essas abordagens teóricas.

Para dar prosseguimento a esta análise, apresentamos, abaixo, as categorias de análise com os seus respectivos dados.



Categoria de análise 1: Percepção linguística

A primeira pergunta, “que concepção de língua/linguagem você adota para o ensino da Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental?”, reflete a percepção linguística. A resposta subjetiva de cada interlocutor está representada no quadro 1.

Quadro 1 – Percepção docente sobre o conceito de língua/linguagem

Interlocutores	Resposta do interlocutor
Inter1	<i>A linguagem como expressão do pensamento. A linguagem como instrumento de comunicação; e a linguagem como forma de interação.</i>
Inter2	<i>A linguagem como expressão do pensamento como instrumento de comunicação e como processo de interação verbal, para que os alunos aprimorem a interlocução e atividades que possibilitem a ler, produzir e refletir sobre o uso.</i>
Inter3	<i>A concepção de língua nos anos finais do ensino fundamental, de acordo com a BNCC, é de que a linguagem é uma ferramenta humana, racial, histórica e dinâmica.</i>

Fonte: dados oriundos da pesquisa de campo.

Antes de retratarmos especificamente a percepção dos interlocutores sobre a variação linguística, foi importante, de antemão, analisar a concepção que eles têm acerca de língua/linguagem, pois entendemos que tal percepção coordena qualquer conduta linguística e prática de ensino do docente em sala de aula. O quadro 1, acima, mostra que, quando questionados sobre a percepção em relação ao conceito de língua/linguagem, o interlocutor 1 entende que a linguagem é uma expressão de pensamento, ou seja, a linguagem é instrumento de comunicação e interação. Para o interlocutor 2, o conceito de língua está associado à linguagem como expressão, comunicação e interação verbal, já o interlocutor 3 ressalta que o conceito de língua está associado a uma concepção de linguagem, evidenciado na BNCC e que a linguagem é uma “[...] ferramenta humana, racial, histórica e dinâmica”.



Desse modo, o autor Jean-Louis Calvet afirma que é fundamental compreender a língua, especificamente a linguagem presente nos mais diversos contextos sociais e ainda ressalta que as variações linguísticas têm ligações diretas com os fatores regionais, culturais e sociais. Para ele, “Compreender a língua não é apenas entender suas regras, mas também o contexto social em que ela é usada.” (Calvet, 2020, p. 34). Nesse entendimento, a partir das palavras do autor, faz todo sentido o que dizem os interlocutores desta pesquisa, de que a língua/linguagem está associada ao contexto cultural e interacional dos indivíduos.

A seguir, apresentamos o quadro 2, que trata sobre a percepção docente no que respeita à variação linguística, especificamente, a partir da pergunta: a sociolinguística parte do ponto de vista de que qualquer língua é passível de variações linguísticas. Qual a sua percepção sobre esse pressuposto?

Quadro 2 – Percepção docente sobre variação linguística

Interlocutores	Resposta do interlocutor
Inter1	<i>A língua é heterogênea, e não homogênea. Isto significa considerar que não podemos pensar na língua como unidade, mas sim como variedade, sempre levando em consideração o ambiente socioeconômico e cultural em que se está analisando.</i>
Inter2	<i>A sociolinguística contribui para a compreensão da estrutura das línguas e do seu funcionamento, e pode ser aplicada ao ensino de língua portuguesa.</i>
Inter3	<i>É importante para a comunicação, pois os falantes fazem alguns arranjos para atender às suas necessidades, não há variação que se sobreponha a outra.</i>

Fonte: dados oriundos da pesquisa de campo.

De acordo com o quadro 2, o interlocutor 1, ao ser questionado acerca de sua percepção enquanto docente sobre a variação linguística, afirma que a língua é heterogênea e não homogênea. Concordamos com ele, ao expor que não podemos pensar na língua como “[...] unidade, mas sim como variedade, sempre levando em



consideração o ambiente socioeconômico e cultural em que se está analisando". Na percepção do interlocutor 2, a sociolinguística é uma área de contribuição ao ensino de língua portuguesa. Na percepção do interlocutor 3, a variação linguística é importante para a comunicação, uma vez que os falantes, por meio de suas necessidades, modificam as regras gramaticais prescritivas, levando a língua ao seu caráter inato: variabilidade. Ao considerar a heterogeneidade da língua os interlocutores demonstram ter consciência de uma das premissas mais importantes da sociolinguística a de que a variação é inerente à língua e precisa ser considerada na escola.

Ainda em relação à resposta do interlocutor 3, chama-nos a atenção o seguinte trecho: "não há variação que se sobreponha a outra", que revela, sobremaneira, muito sobre a prática do docente em questão. Essa compreensão demonstra também que o professor tem consciência de uma outra premissa em que se assenta a sociolinguística, a do relativismo cultural, segundo a qual uma manifestação de cultura prestigiada na sociedade não é superior a outras. (Bortoni-Ricardo, 2014). Isto posto, evidenciamos que o professor tem uma percepção favorável e sensível às variações e mudanças linguísticas, tendo em vista que, a partir de sua resposta, é possível verificar que não há uma variedade melhor do que outra; que é preciso primar pelo respeito às diferenças. Ter esse posicionamento é crucial a qualquer professor de língua.

Nesse sentido, percebe-se que os interlocutores têm uma compreensão (socio)linguística da variação por que pode sofrer a língua, ao relacionarem a heterogeneidade, informação marcada na resposta do interlocutor 1, considerando os fatores socioeconômicos e culturais, assim como sua importância para o ensino da língua portuguesa e para a comunicação entre as pessoas. Ainda sobre essa questão, é válido reforçar que Bortoni-Ricardo (2014), em suas evidências teóricas, aponta a



heterogeneidade da língua como uma das premissas básicas da sociolinguística, por meio da qual é possível compreender o uso em suas mais diversas realizações, afastando-se daquilo que se comprehende nas correntes estruturalistas/formalistas, que preconizam uma apreensão e análise da língua a partir da construção da imanência, da homogeneidade, unidade e imutabilidade.

Bagno (2007, p. 17) também discute essa questão, argumentando que “a variação linguística é um fenômeno natural e inevitável em qualquer comunidade de fala, sendo a heterogeneidade a sua característica intrínseca.” Nesse contexto, o autor afirma que a língua é heterogênea, devido às diversas maneiras de falar. Logo, as variedades linguísticas devem ser respeitadas e valorizadas, jamais serem vistas como erros, atitude que leva ao preconceito.

Isto posto, evidenciamos que as percepções dos interlocutores estão alinhadas com os pressupostos sociolinguísticos. A seguir, apresentamos os dados referentes à categoria 2, que trata sobre a avaliação linguística, por meio da pergunta: em suas turmas você tem percebido a presença de variações linguísticas nas falas e escritas de seus alunos? Se sim, como você avalia esses usos?

Categoria de análise 2: Avaliação linguística

Quadro 3 – Avaliação docente sobre usos linguísticos variacionais

Interlocutores	Resposta do interlocutor
Inter1	<i>Considerando a diversidade em questões socioeconômicas e culturais sempre irá haver uma variação natural, avalio analisando similarmente cada aluno e tentando dar enfoque nos que mais necessitam de atenção na questão da norma culta.</i>
Inter2	<i>Sim, nas produções textuais que aplico, trabalho a questão da linguagem informal como também a produção textual onde ele pode utilizar diversos tipos de linguagem.</i>
Inter3	<i>Sim, investigo com eles a fala dos seus pais, avós etc.</i>

Fonte: dados oriundos da pesquisa de campo.



Conforme o quadro 3, acima, quando questionados acerca da avaliação docente sobre usos linguísticos variacionais, o interlocutor 1 afirma que a diversidade em questões socioeconômicas e culturais sempre haverá naturalmente. Já na percepção do interlocutor 2, sobre a avaliação dos usos linguísticos variacionais, ele afirma que os utiliza nas produções textuais, na “questão da linguagem informal como também a produção textual onde ele [o aluno] pode utilizar diversos tipos de linguagem.” Para o interlocutor 3, os usos linguísticos variacionais são utilizados na sala de aula como modo de investigar, com eles, a fala dos seus pais, avós etc.

Desse modo, percebemos que todos os interlocutores avaliam, positivamente, os usos linguísticos variacionais do idioma. Assim, ao realizarem trabalhos e observações na escrita e fala dos alunos, os docentes sinalizam para avaliar o desenvolvimento da linguagem dos educandos, o domínio da língua portuguesa, a fala, a escrita, a leitura e a compreensão auditiva.

Segundo Faraco (2005, p. 56) “a variação é uma característica inerente às línguas. As línguas variam no tempo, no espaço geográfico, nos diferentes grupos sociais e nas situações comunicativas específicas.” Portanto, mostra que a variação não deve ser vista como um desvio ou erro, mas como parte natural do funcionamento das línguas. Logo, é fundamental reconhecer os usos variacionais e valorizá-los, com vistas ao combate do preconceito linguístico.

A seguir, apresentamos os dados referentes à pergunta: você corrige seus alunos quando percebe algum desvio da norma padrão em suas falas/escritas? Se sim, de que forma?

Quadro 4 – Avaliação docente sobre a correção

Interlocutores	Resposta do interlocutor
----------------	--------------------------



Inter1	<i>Diretamente não, mas por meio das atividades em sala de aula sempre tento manter um nível em que eles entendam e se sintam confortáveis em reproduzir e interagir entre si de tal forma. Assim naturalmente eles irão praticar sem se sentirem na obrigação, porém entendendo que é a forma adequada em determinada ambientes. Sempre promovendo uma adequação linguística.</i>
Inter2	<i>Sim, porque acho importante ensinar a norma padrão aos alunos para que eles possam se comunicar de forma clara e eficaz em diferentes situações.</i>
Inter3	<i>Sim, percebo muito explicando sobre as regras que estabelecem a concordância e regência verbal e nominal, flexões de gênero, até mesmo as colocações das frases e nas palavras.</i>

Fonte: Dados oriundos da pesquisa de campo.

De acordo com o quadro 4, que trata sobre avaliação docente referente à correção, o interlocutor 1 afirma que faz as correções por meio das atividades em sala de aula. Na visão do interlocutor 2, as correções são importantes, tendo em vista o uso da norma padrão. O interlocutor 3 ressalta que, no que tange à avaliação sobre a correção, ele trabalha explicando as regras de “concordância e regência verbal e nominal, flexões de gênero, até mesmo as colocações das frases e nas palavras.” De acordo com esses dados, pode-se afirmar que o interlocutor 1 trabalha com a diversidade e a variação linguística, já os interlocutores 2 e 3 apresentam uma visão mais formal e normativa, com um foco maior no ensino da norma-padrão e das regras gramaticais.

Mediante esses dados, podemos acrescentar que o interlocutor 1 trabalha com a noção de “competência comunicativa” de Hymes (1972a). Ao retomar o mencionado autor, Bortoni-Ricardo assevera que a competência comunicativa pode ser compreendida como a

[...] habilidade que um membro de uma comunidade de fala¹ adquire e tem de desenvolver para saber como participar de eventos comunicativos orais e

¹ Segundo Labov (1972) uma comunidade de fala é aquela que compartilha normas e ‘atitudes’ sociais perante uma língua ou variedade linguística.



escritos, de forma apropriada, ou seja, considerando o interlocutor e as circunstâncias da interação (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 61).

Ou seja, o interlocutor 1 demonstra que, a partir da variedade linguística que seus alunos utilizam e de sua capacidade de nela se expressarem, busca conduzi-los no processo de ampliação de sua competência comunicativa.

Nesse sentido, é relevante destacar que o interlocutor em questão evidencia ter consciência de que a ampliação da competência comunicativa dos alunos está diretamente relacionada a uma prática fundamentada nos princípios e preceitos da teoria sociolinguística, com fundamento nos estudos que visam mais explicar como a linguagem é usada pelos falantes em seu contexto social do que naqueles que dão primazia ao estudo das estruturas linguísticas dissociadas desse contexto.

Para Labov (1972, p. 209), “Se há uma coisa que a sociolinguística demonstrou claramente é que a correção não é um processo simples, pois depende de quem fala, para quem se fala, e em que contexto se fala.” Diante do exposto, o autor afirma que a correção linguística deve considerar as variações sociais e contextuais, sendo que o docente deve ter a sensibilidade para avaliar, corrigir o uso da linguagem dos educandos. Logo, os interlocutores fazem as correções com base na fala, para quem se fala, e em que contexto se fala. Logo, é necessário equilibrar a promoção da adequação linguística, a pluralidade e as normas padrões. A seguir, apresentamos o quadro 5, que elenca a atitude sobre variação linguística na prática docente.

Categoria de análise 3: Atitude linguística e prática de ensino

Apresentamos os dados sobre a pergunta: você costuma abordar a variação linguística em sala de aula? Se sim, como?

Quadro 5 – Atitude sobre variação linguística na prática docente



*Infinitum Revista Multidisciplinar, v. 9, n. 19, 2026, p. 1– 25.
Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Dinâmicas Sociais,
Conexões Artísticas e Saberes Locais*

Interlocutores	Resposta do interlocutor
Inter1	<i>Nas atividades em grupos ou individuais sempre promovo a interação, de modo que os alunos consigam compreender as diferenças existentes na língua portuguesa e onde ele se adequa e onde ele necessitará se adequar, sempre tentando manter o respeito sobre cada indivíduo.</i>
Inter2	<i>Sim, eu abordo diversas formas, promovendo a inclusão, incentivando a observação para que possa perceber como a fala varia de pessoa para pessoa e em diferentes contextos, discutindo o preconceito, apresentar produções artísticas etc.</i>
Inter3	<i>Sim, mostrando as diferentes formas de falar nossa língua, visto que no Brasil temos diferentes dialetos.</i>

Fonte: dados oriundos da pesquisa de campo.

Com base no quadro 5, o interlocutor 1 ressalta trabalhar com as variações por meio de interações em atividades individuais ou grupais. Notamos que esse interlocutor intenta promover o respeito pela diversidade linguística com o ensino de habilidades de adequação à norma-padrão, quando necessário.

Para o interlocutor 2, sua atitude sobre variação linguística na prática permite abrir espaço para as diversas formas, “[...] promovendo a inclusão, incentivando a observação para que possa perceber como a fala varia de pessoa para pessoa e em diferentes contextos, discutindo o preconceito, apresentar produções artísticas etc.” Desse modo, esse interlocutor faz uso de uma abordagem pedagógica que vai muito além de ensino mecânico de regras gramaticais. Ele valoriza e respeita a diversidade, ensina o aluno a ser cidadão consciente, capaz de respeitar as diferenças linguísticas e combater o preconceito.

E, para o interlocutor 3, quando questionado sobre atitude em relação à variação linguística na prática, ele afirma que mostra “[...] as diferentes formas de falar nossa língua, visto que no Brasil temos diferentes dialetos.” Para contextualizar, citamos Calvet (1999, p. 46), ao afirmar que “A variação linguística reflete as diferentes



maneiras de falar de uma comunidade e é um reflexo das suas divisões sociais. Cada variedade linguística carrega consigo uma visão de mundo, uma história e uma cultura." Portanto, o autor destaca que a língua não é simplesmente um sistema de comunicação, mas também um veículo que expressa histórias, culturas e identidades sociais dos falantes.

Desse modo, verificamos que as falas dos interlocutores estão associadas com as palavras do autor, os quais apresentam uma atitude positiva frente à variação linguística em sala de aula. A seguir, no quadro 6, apresentamos a atitude docente acerca das dificuldades com a variação linguística, por intermédio dos dados atribuídos à pergunta: se a resposta da pergunta anterior for positiva, relate sobre as dificuldades enfrentadas em sala de aula.

Quadro 6 – Atitude docente acerca das dificuldades com a variação linguística

Interlocutores	Resposta do interlocutor
Inter1	<i>Existe uma grande dificuldade em deixar a norma padrão acessível de um modo em que seja natural ser seguido não apenas trabalhos, mas de forma geral. Entende-se que no dia-a-dia o diálogo informal prevalece para muitos, porém ainda falta a compreensão de que existem momentos no qual será necessária uma adequação e que algumas pessoas não têm acesso a certos conhecimentos poderia gerar algum tipo de constrangimento, que deve ser evitado.</i>
Inter2	<i>Promover a autoestima linguística dos alunos, incentivar a adaptação linguística que é mostrar que existem línguas indicadas para cada situação do cotidiano, e abordar certos temas em sala de aula.</i>
Inter3	<i>Por existir muitas variações na língua, podemos sentir que cada contexto social traz naturalmente um modo mais ou menos adequado de expressão.</i>

Fonte: Dados oriundos da pesquisa de campo.

Conforme o quadro 6, sobre atitude docente acerca das dificuldades com a variação linguística, o interlocutor 1 afirma que existe uma grande dificuldade no



trabalho com a norma-padrão e que em determinados momentos será preciso usá-la. O interlocutor 2 acredita que é importante “promover a autoestima linguística dos alunos, incentivar a adaptação linguística”. O interlocutor 3 entende que, ao “existir muitas variações na língua, podemos sentir que cada contexto social traz naturalmente um modo mais ou menos adequado de expressão.”

Nesse contexto, podemos afirmar que é essencial promover a educação linguística de maneira inclusiva, a fim de minimizar constrangimentos e garantir que todos se sintam confortáveis e respeitados em diferentes situações comunicativas, corroborando Labov (1972), ao afirmar que, quando alguém utiliza variações, isso não quer dizer que tal indivíduo é desprovido de habilidade linguística ou de conhecimentos necessários da língua, mas que os diferentes usos são, todavia, reflexos dos contextos socioculturais nos quais os falantes estão inseridos, contextos esses que moldam a fala nas interações cotidianas.

Desse modo, o autor confirma que a língua é uma ferramenta multifacetada e dinâmica, cabendo aos professores cultivar um ambiente que valorize as diversas maneiras de falar, auxiliando os alunos a desenvolverem uma compreensão ampla da língua e situações em que a norma padrão pode ser aplicada.

Logo, os interlocutores entendem que a norma padrão da língua portuguesa enfrenta o desafio de ser acessível de maneira natural para todos. Assim, superar essas dificuldades é de extrema importância para que se promova a autoestima linguística dos alunos e incentivá-los a compreender que diferentes situações comunicativas requerem adaptações linguísticas. A seguir, apresentamos o quadro 7 que aborda sobre atitude linguística diante da variação linguística, a partir da pergunta: vamos pensar na seguinte situação: Em uma conversa durante sua aula você observa a seguinte fala de um aluno: “Nós tem trabaio pra fazê amanhã”. Qual sua posição a respeito dessa fala?



Quadro 7 – Atitude linguística diante da variação linguística

Interlocutores	Resposta do interlocutor
Inter1	<i>Tentarei então trabalhar na funcionalidade da norma culta da língua para inserir esse aluno na aprendizagem sem fazê-lo se sentir inferiorizado por sua forma de pronúncias. É sempre primordial, quando se trabalha em sala de aula tentar mostrar “o correto” sem infringir o direito ao respeito do indivíduo e compreender sua situação inserindo no meio em que vive.</i>
Inter2	<i>No momento não direciono o erro ao aluno, escrevo a frase no quadro para a autocorreção, pedindo que repitam ou reformulem a frase.</i>
Inter3	<i>Corrijo sutilmente, demonstrando que o erro é o começo do conhecimento e da aprendizagem.</i>

Fonte: dados oriundos da pesquisa de campo.

Conforme mostra o quadro 7, ao ser questionado sobre atitude linguística diante da variação linguística, o interlocutor 1 ressalta que tenta “[...] então trabalhar na funcionalidade da norma culta da língua para inserir esse aluno na aprendizagem sem fazê-lo se sentir inferiorizado por sua forma de pronúncias”. O interlocutor 2 afirma: “[...] não direciono o erro ao aluno, escrevo a frase no quadro para a autocorreção, pedindo que repitam ou reformulem a frase.” E, o interlocutor 3 “corrigir sutilmente, demonstrando que o erro é o começo do conhecimento e da aprendizagem.” Nesse contexto, pode-se afirmar que os interlocutores desenvolvem estratégias delicadas de não expor diretamente o erro do aluno, mas utilizar a autocorreção, que incentiva o educando a pensar e aprender. Ou seja, está em questão um equilíbrio cuidadoso entre a diversidade linguística e a exigência da norma culta.

A escola precisa ser um lugar em que as diferentes variedades da língua sejam respeitadas e valorizadas, porque nenhuma é superior ou inferior às outras. A imposição da norma culta como único modelo de correção é uma prática excludente (Bagno, 2007). Nesse contexto, o autor propõe um olhar inclusivo, por parte da escola,



em reconhecer o valor das diversas variedades da língua. Assim, entendemos que é preciso ensinar a norma culta como uma ferramenta útil em determinados contextos, sem que isso desvalorize ou exclua outras formas legítimas de expressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, buscamos investigar o comportamento sociolinguístico de professores de Língua Portuguesa que atuam nas séries finais do Ensino Fundamental em três escolas localizadas na cidade de Santa Quitéria do Maranhão. A análise dos dados obtidos nos permite afirmar que o objetivo proposto foi alcançado, evidenciando que os docentes participantes demonstram um comportamento sociolinguístico sensível e favorável às diversas manifestações de variação linguística presentes no uso cotidiano da língua.

Esses resultados revelam importantes nuances das práticas de ensino desses profissionais, especialmente no que diz respeito à forma como compreendem os conceitos de língua, linguagem e variação, como avaliam os diferentes usos linguísticos e como expressam atitudes positivas diante da abordagem da variação e da correção em contextos escolares.

Concluímos, ainda, que o comportamento sociolinguístico identificado reflete diretamente na postura pedagógica adotada por esses professores, indicando uma tentativa de equilibrar o ensino da norma-padrão com o reconhecimento e a valorização das diversidades linguísticas dos alunos. Essa postura contribui para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo, respeitoso e alinhado com os princípios de uma educação linguística crítica e plural.

REFERÊNCIAS



BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. 45. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BORTONI- RICARDO, S. M. **Nós cheguemu na escola, e agora?**: Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.

CALVET, J.-L. **Linguística e colonialismo**: uma abordagem crítica. São Paulo: Editora XYZ, 2020.

CALVET, J.-L. **Linguística e política**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GERALDI, J. W. *et al.* **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 1996.

HYMES, D. On Communicative Competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. **Sociolinguistics**. England: Penguin Books, 1972.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

Recebido: 08 de agosto de 2025

Aceito: 16 de julho de 2025

Publicado: 31 de janeiro de 2026

